

82.09(817.2)(073)

PJ425

C92464363



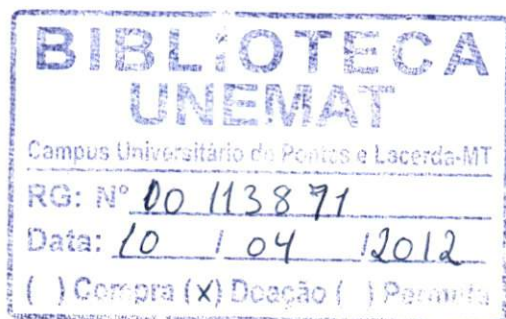


ESTADO DE MATO GROSSO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
INSTITUTO DE LINGUAGEM



MARILENE OLIVEIRA PAIM

DO SERTÃO MATO-GROSSENSE À BABILÔNIA AMERICANA



Pontes e Lacerda – MT

2012

**MARILENE OLIVEIRA PAIM**

**DO SERTÃO MATO-GROSSENSE À BABILÔNIA AMERICANA**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras, na UNEMAT - Campus Universitário de Pontes e Lacerda.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Ms. Epaminondas de Matos Magalhães.

**Pontes e Lacerda – MT**

**2012**

**MARILENE OLIVEIRA PAIM**

**DO SERTÃO MATO-GROSSENSE À BABILÔNIA AMERICANA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profº Ms. Epaminondas de Matos Magalhães**

**Orientador**

**Departamento de Letras – UNEMAT/Pontes e Lacerda – MT**

---

**Profª Drª Marinei Almeida**

**Banca**

**Banca Departamento de Letras – UNEMAT/Pontes e Lacerda – MT**

---

**Prof. Ms. José Pereira da Silva Neto**

**Banca**

**Departamento de Letras – UNEMAT/Pontes e Lacerda – MT**

**Aprovada em 26 de junho de 2012.**

## Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por ter me permitido concluir este trabalho, após tantas lutas, ter me dado forças e determinação para seguir em frente.

A minha Mãe Maria de Fátima por ter me ensinado do seu jeito, a lutar na vida e correr atrás do que quero.

Ao meu irmão Joarlei por ter me mostrado qual é o melhor caminho a seguir na vida.

A minha irmã/amiga Mariene por ter ficado ao meu lado sempre, por ter me apoiado e cuidado de mim nos momentos em que mais precisei. E também por ter ficado com o meu pequeno príncipe Cairo por várias vezes para que eu pudesse estar realizando este trabalho, uma imensidão de gratidão a ti maninha por tudo, te amo e obrigada, você é o meu porto seguro.

Agradeço a família Pereira por ter me ajudado e colaborado para que este processo fosse possível.

Agradeço ao meu grande amigo Altair Gomes, pelas infindáveis conversas que vai desde os teóricos aprendidos na faculdade a conselhos e solidariedade em vários momentos que precisei.

Uma imensidão de gratidão ao meu querido Orientador Epaminondas, pela paciência e tempo gasto comigo, obrigada por ter acreditado neste trabalho e por ter pegado tanto no pé, pois se fosse diferente tenho certeza que por mais um semestre eu não defenderia meu trabalho de conclusão de curso. Obrigada mesmo! Por ter sugerido, dado bronca e até mesmo por ter cortado umas 10 páginas do meu trabalho, eu te perdôo! Pois, sei que era o sensato a fazer.

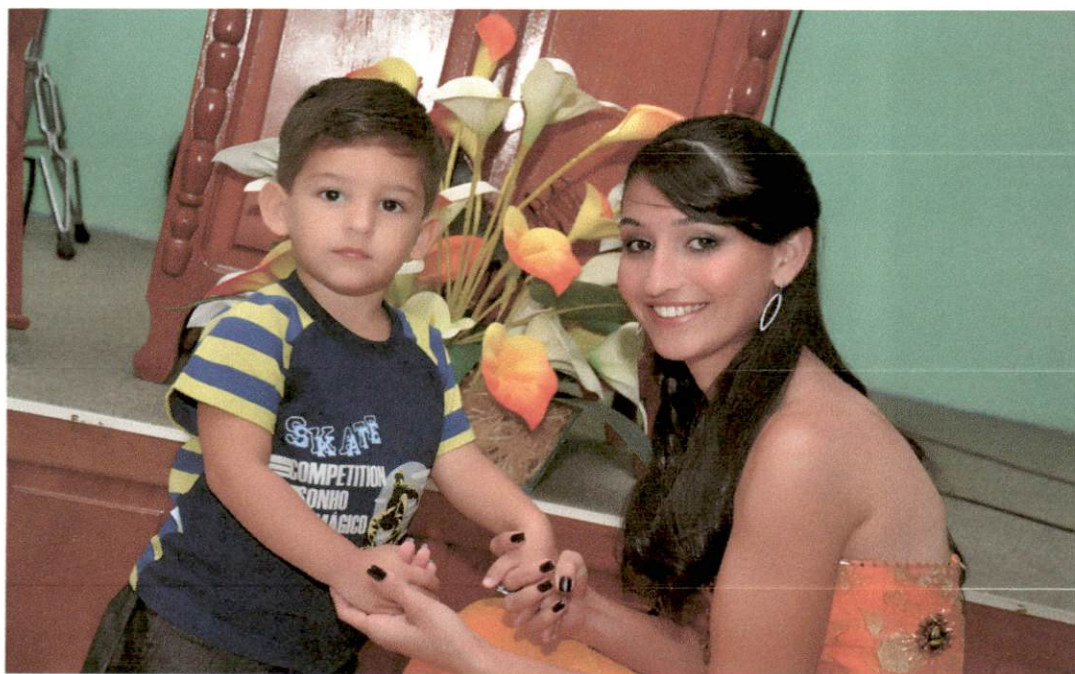
Agradeço grandiosamente a querida Profª Marinei que foi quem iniciou este trabalho comigo, mas por motivos de força maior eu não consegui terminar com ela. Obrigada pelas conversas e conselhos na biblioteca municipal, nossas reuniões acabavam sendo mais um desabafo e trocas de experiência do que uma orientação

propriamente dita. Você foi muito importante neste processo de transição pelo qual passei. Obrigada por ter sido amiga, professora e confidente.

De maneira geral agradeço a todo o corpo docente do Campus de Pontes e Lacerda que contribuíram para a minha formação e aprendizagem.

E de uma forma especial a todas as pessoas que conviveram comigo durante esta longa caminhada que é uma faculdade, obrigada!

## DEDICATÓRIA



“Antes de ser mãe, eu fazia e comia os alimentos ainda quentes. Eu não tinha roupas manchadas, tinha calmas conversas ao telefone.

Antes de ser mãe, eu dormia o quanto eu queria, geralmente dormia a noite toda, nunca me preocupava com a hora de ir para a cama.

Antes de ser mãe, eu limpava minha casa quando eu queria. Eu não tropeçava em brinquedos e nem pensava em canções de ninar.

Antes de ser mãe, eu não me preocupava: Se minhas plantas eram venenosas ou não. Imunizações e vacinas então eram coisas em que eu não pensava.

Antes de ser mãe, ninguém vomitou e nem fez xixi em mim, nem me beliscou sem nenhum cuidado, com dedinhos com unhas fininhas.

Antes de ser mãe, eu nunca tive que segurar uma criança chorando, para que médicos pudessem fazer testes ou aplicar injeções, eu nunca chorei olhando pequeninos olhos que choravam. Nunca fiquei gloriosamente feliz com uma simples risadinha. Nem fiquei sentada horas e horas olhando um bebê dormindo.

Antes de ser mãe, eu nunca segurei uma criança, só por não querer afastar meu corpo do dela. Eu nunca senti meu coração se despedaçar, quando não pude estancar uma dor.

Nunca imaginei que uma coisinha tão pequenina, pudesse mudar tanto a minha vida e que pudesse amar alguém tanto assim. E não sabia que eu adoraria ser mãe.

Antes de ser mãe, eu não conhecia a sensação, de ter meu coração fora do meu próprio corpo. Não conhecia a felicidade de alimentar um bebê faminto. Não conhecia esse laço que existe entre a mãe e a sua criança. E não imaginava que alguém tão pequenino, pudesse fazer-me sentir tão importante.

Antes de ser mãe, eu nunca me levantei à noite toda, a cada 10 minutos, para me certificar de que tudo estava bem. Nunca pude imaginar o calor, a alegria, o amor, a dor e a satisfação de ser uma mãe. Eu não sabia que era capaz de ter sentimentos tão fortes. Por tudo e, apesar de tudo, obrigada Deus, por eu ser agora um alguém tão frágil e tão forte ao mesmo tempo.

Obrigada meu Deus, por permitir-me ser Mãe!

Obrigada meu filho Cairo Henrique Paim Pereira, pelo amor, carinho e atenção durante toda a facção deste trabalho. Te amo filho você é a razão desta vitória e do meu viver!”

As inteligências dormem.  
Inúteis são todas as tentativas de  
acordá-las por meio das forças e das  
ameaças. As inteligências só  
entendem os argumentos do desejo.  
Elas são ferramentas e brinquedos  
do desejo. (Rubem Alves)

(...) Saltei, criei asas, voei pontes, morros, cruzei a fenda abismal, optei pela vida maior, o risco arisco, a fresta do ilimitado, a sedução dos enigmas. Que bom que eu fiz! Vê? Hoje vivo noutro paralelo, gozo o ardor do mundo, desvencilhei-me dos antolhos que te protegem contra o que de mais belo pode te acontecer, a soltura de ti mesma.

Tereza Albues

## Resumo

Neste trabalho investigamos o percurso memorialístico nas obras da escritora mato-grossense Tereza Albues, *O Berro do Cordeiro em Nova York* (1995) e o conto *Buquê de Línguas* (2008). Em ambas as obras os narradores constroem duas realidades díspares, uma (MT) que está relacionada ao passado centrada no espaço do sertão mato-grossense e o outro (EUA) ligado a sua realidade, a metrópole Nova York, embora haja este distanciamento entre estes dois mundos, duas culturas, a autora parece sentir necessidade de integrar estas duas realidades por meio da ficção. É neste momento que Albues se apodera da memória coletiva como artifício para reintegrar estas duas realidades. Nossa investigação se pauta, sobretudo, na análise da memória discursiva na narração dessas obras para, através daí, refletirmos sobre a fusão do tempo/espaço nas mesmas. Utilizamos como aporte teórico Maurice Halbwachs, que discorre sobre a memória coletiva e individual, acrescidos das abordagens de Antonio Dimas referente à Espaço no romance, neste caso, Mato Grosso e Estados Unidos, além de Benedito Nunes que foi fundamental para entendermos como o tempo passado/presente caminharam lado a lado nas obras, em específico *N'O Berro*.

**Palavras-Chaves:** Literatura Mato-grossense, Memória, Tempo, Espaço.

## Abstract

In this paper we investigated the route memoir in the works of the mato-grossense writer Tereza Albues, *O Berro do Cordeiro em Nova York* (1995) and the tale *Buquê de Línguas* (2008). In both works the narrators construct two disparate realities, one (MT) which is related to the past centered within the interior of Mato Grosso and the other (USA) connected to its reality, the city of New York, although there is this gap between these two worlds, two cultures, the author seems to feel the need to integrate these two realities by using the fiction. This is when Albues seizes the collective memory as a device to reintegrate these two realities. Our investigation is guided mainly on the analysis of discursive memory in the account for such works through this; think about the fusion of time / space in them. Used as the theoretical Maurice Halbwachs, who talks about the collective and individual memory, plus the approaches of Antonio Dimas on the space in the novel, in this case, Mato Grosso and the United States, and Benedito Nunes that was essential to understanding how past /present hand was together in the works, specifically *N'O Berro*.

**Key Words:** Mato-Grossense Literature, Memory, Time, Space.

## SUMÁRIO

|                 |    |
|-----------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
|-----------------|----|

### CAPÍTULO I

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| NO DEVIR DO TEMPO E DA MEMÓRIA: PERCURSOS LITERÁRIOS..... | 14 |
|-----------------------------------------------------------|----|

|                                         |    |
|-----------------------------------------|----|
| 1.1 – No limiar do tempo narrativo..... | 21 |
|-----------------------------------------|----|

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| 1.2 – Espaços e Ambientação..... | 26 |
|----------------------------------|----|

### CAPÍTULO II

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| DO SERTÃO MATO-GROSSENSE À BABILÔNIA AMERICANA: NO TEAR DA MEMÓRIA..... | 27 |
|-------------------------------------------------------------------------|----|

|                                                                                         |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 2.1 – Nos limiares da memória: O berro do cordeiro em Nova York e Buquê de línguas..... | 28 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|

|                           |    |
|---------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
|---------------------------|----|

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 47 |
|---------------------------------|----|

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo principal compreender como o tempo e o espaço se fundem e se confundem nas obras estudadas por meio da memória discursiva. Esta pesquisa surgiu após fazer uma análise do conto *Buquê de Línguas* (2008) da escritora mato-grossense Tereza Albues, na disciplina de Literatura Mato-grossense no 8º semestre de Letras, do Campus de Pontes e Lacerda. Neste semestre, também, fui apresentada ao romance *O Berro do Cordeiro em Nova York* (1995) e decidi pesquisar sobre a questão da memória discursiva. A opção por este *corpus* literário se deu por acreditarmos que em ambas as obras de Tereza Albues, percebemos um desejo insaciável da busca por uma libertação, através das rememorações das personagens podendo ser confrontadas com a realidade.

Esta análise é dividida em dois capítulos, no primeiro capítulo intitulado *No devir do tempo e da memória: percursos literários*, discorremos sobre a memória coletiva pela ótica de Halbwachs (1990), no qual relata o papel social da memória na literatura, pensando que o ser humano vive e convive dentro de uma sociedade, ocupando vários grupos sociais, portanto, estão ligados uns aos outros e a vários grupos. Leonice Pereira (2010) diz que para Halbwachs (1990) lembrar não é trazer o passado à tona, reviver, mas refazer, repensar e reconstruir as lembranças das experiências vividas remotamente, a partir das idéias e imagens do momento presente. (p.35)

A memória coletiva nos possibilita reconstruir experiências do passado, a partir e dentro de grupos nos quais vivemos e é isto que Albues vem trazendo em suas obras, suscitando acontecimentos dos narradores apoiados na memória de grupos em comum.

No subitem 1.1 do primeiro capítulo, intitulado *No limiar do tempo narrativo*, discutimos a questão do tempo passado/presente, sob a perspectiva de Benedito Nunes (1995). Dentro deste contexto analisamos o percurso memorialístico, a partir da configuração do tempo psicológico. O tempo psicológico para Nunes (1995) “se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças, ‘intervalos heterogêneos incomparáveis’”. (p.19) O tempo psicológico, que se divide em fluxo de consciência e *flash back*, mistura os tempos passado/presente como se não houvesse

uma diferença temporal na narrativa. Com isso, observamos nas obras estudadas esta fusão temporal, como se no romance moderno a cronologia fossem extintas, para dar lugar para um novo estilo de fazer romance, sem linearidade, sem cronologia.

Portanto, estes tempos passado/presente são rememorados através do fluxo de consciência, essas lembranças vem à mente e os narradores esboçam nas obras aqui estudadas sem preocupação do que veio primeiro, as lembranças surgem e os narradores narram, não um passado como coisa morta, mas um passado vivo na lembrança misturado com a realidade, com o presente.

No subitem 1.2, intitulado *Espaços e Ambientação*, discutimos a definição de espaço e ambiente por Antonio Dimas (1985). Esta definição foi importante para nossa pesquisa porque nos ajudou a entender como os espaços nas obras aqui estudadas se sobrepõem com a linha temporal, pois isto é posto a todo o momento, principalmente *N'ó berro*, esta dicotomia passado (Mato-Grosso) e presente (Nova York) é posta pelo narrador como contrapontos de duas realidades e a necessidade de entrelaçamento através da memória discursiva. Para Dimas (1985)

(...) o espaço puro e simples (o quarto, a sala, a rua, o barzinho, a caverna, o armário etc.) seja entrevisto em um quadro de significados mais complexos, participantes estes da ambientação. (...) : o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica. (Dimas, 1942, p.20)

O segundo capítulo deste trabalho intitulado *Do Sertão Mato-grossense à Babilônia Americana: no tear da memória*, fazemos um breve esboço sobre literatura produzida em Mato Grosso, sob o viés de Hilda Gomes Dutra Magalhães (2001) e Mário Cesar Silva Leite (2005) que dizem que as literaturas que podem ser consideradas mato-grossenses são as produções que foram escritas aqui ou por pessoas que nasceram neste estado, ou residem ou que tenham residido e também produções que falem de Mato Grosso.

Neste subitem do terceiro capítulo, intitulado *Nos limiares da memória: O berro do cordeiro em Nova York e Buquê de línguas*, fazemos a análise propriamente dita das obras citadas e propostas para análise neste trabalho de conclusão de curso. É quando discutimos a questão do tempo, do espaço e da memória discursiva, vimos percorrendo

todo o caminho que Albues trilhou até chegar ao ápice de sua escrita, que a nosso ver, foi ter conseguido conquistar a liberdade tão desejada.

E ao final seguem as Considerações Finais e as Referências bibliográficas.

## CAPÍTULO I

### NO DEVIR DO TEMPO E DA MEMÓRIA: PERCURSOS LITERÁRIOS.

Pretendemos, neste primeiro capítulo, discutir o papel social da memória na literatura, pensando que o ser humano está inserido em todos os tipos de papéis sociais, uma vez que não podemos pensar e nem ser nada, senão a partir do outro, portanto, e dentro deste contexto de estarmos interligados uns aos outros que o processo de reconstrução da memória é possível. Diante do exposto, as obras a serem estudadas *O Berro do Cordeiro em Nova York*<sup>1</sup> e o conto *Buquê de Línguas* da escritora mato-grossense Tereza Albues, estão inseridas dentro deste espaço de enunciação e reconstrução de lembranças, que nos serão apresentados acontecimentos e vivências do narrador, e no decorrer de nossa análise discutiremos os elementos memorialísticos dentro das obras escolhidas como corpus de análise para este trabalho.

Terezinha Belta de Albues Eisenstat nasceu em Várzea Grande, em 1936, é autora de quatro livros sendo eles; **Pedra Canga** (1980), **Chapada da palma roxa** (1991), **Travessia dos sempre vivos** (1993) e **O berro do cordeiro em Nova York** (1995) e uma coletânea de contos reunidos em um livro intitulado **Buquê de Línguas** (2008), publicado postumamente, além de várias publicações de contos avulsos feitas diretamente na internet. Ela que mereceu destaque entre os vários autores de Mato Grosso, por retratar a vida de pessoas de baixa renda e também por retratar as relações de poder na região, ainda muito jovem mudou-se para o Rio de Janeiro onde graduou-se pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, em Direito, Letras e Jornalismo e na década de 1980 mudou-se para os Estados Unidos, mais especificamente, para a cidade de Nova York onde residiu até o momento de sua morte em 2005.

Retomando a questão da memória Maurice Halbwachs (1877-1945) foi o principal responsável pelas bases teóricas que colocam e definem a memória como uma constituição social, apesar de ter estudado muitos anos com o filósofo francês Henri Bergson (1859-1861) que defendia a pureza da memória e que provavelmente tenha sido o primeiro a estudar e teorizar sobre a questão da memória. A partir desse viés, o

---

<sup>1</sup> Trataremos a obra *O berro do cordeiro em Nova York*, como *O Berro*.

da memória, pensar a literatura como experiências memorialísticas é compreender que na criação ficcional relembrar o passado é também recriá-lo, cruzar novas informações, adicionando-as do tempo presente, sobre o universo vivido.

Destacamos que para Maurice Halbwachs (1990) a memória coletiva, acontece quando precisamos nos apoiar na memória de outro para relembrar, “não podemos pensar nada, não podemos pensar em nós mesmos, senão pelos outros e para os outros” (p.21), com isso precisamos nos apoiar nas lembranças para rememorar fatos que ocorreram outrora, portanto, independente se estamos sozinhos a relembrar um acontecimento, dentro dessas lembranças nos deslocamos entre vários grupos nos quais fizemos parte desses fatos, com isso nos apoiamos também na memória dos outros para fazer essa reconstrução que segundo Halbwachs a memória coletiva é aquela que recompõe magicamente o passado (p.15).

Já para Henri Bérghson (1999) as lembranças e as rememorações não são vistas sob um ponto de vista do presente, mas “(...) o passado permanece ileso dentro de nossa memória da mesma forma como foi para nós no momento dos acontecimentos” comenta Leonice. (Pereira, 2010, p.35) Bérghson para Pereira quer mostrar que o passado se conserva puro e independente em nosso espírito. Neste sentido, toda lembrança permanece como um potencial, permanece em estado latente no inconsciente. Bérghson buscou dar à memória um estatuto espiritual distinto da percepção. Para ele a lembrança “... continua presa ao passado por suas raízes profundas, e se, uma vez realizada, não se ressentisse de sua virtualidade original, se não fosse, ao mesmo tempo que um estado presente, algo que se destaca do presente, não a reconheceríamos jamais como uma lembrança.” (Bérghson, 1999, p.156)

Buscaremos observar como ocorre à construção memorialísticas nas narrativas, *corpus* desta pesquisa, e como esta memória discursiva se situa no meio social, no espaço e no tempo. Essa concepção de memória para Halbwachs (1990) está calcada na base da sociedade, teve como alicerce o pensamento de que os seres humanos não vivem/convivem sozinhos, pois estão interligados pela relação interpessoal de algum tipo de instituição, seja ela familiar, escolar, religiosa, do trabalho ou outros grupos sociais.

Assim, o passado não fica livre de transformações e ao relembrá-los cruzamos novas experiências, experiências do presente que acabam ressignificando o passado.

Para Halbwachs lembrar é reviver, reconstruir um passado já transformado com idéias e imagens do momento presente e não trazer um quadro do passado ileso tal como foi vivenciado, um quadro de acontecimentos que permanecem intactos na memória.

Neste sentido, *O Berro do Cordeiro em Nova York* e o conto *Buquê de línguas*, de Tereza Albues, serão analisados através desta perspectiva de reconstrução do passado, onde as imagens e representações literárias são formadas na e pelas memórias e experiências vivenciadas na infância da protagonista, no caso específico de *O berro do cordeiro em Nova York* que, agora, adulta e madura relembra, reconstruindo e reconfigurando os fatos do passado e ao fazê-lo cria um novo passado, uma outra narrativa para o vivido.

Assim, a memória é fundamental para que possamos nos lembrar de acontecimentos importantes em nossa vida e os que não consideramos tão marcantes assim. Através da memória relembramos acontecimentos que nos situaram dentro de um grupo, seja ele coletivo, individual ou histórico. A partir dessa idéia podemos considerar as obras *corpus* como arcabouço memorialístico, pois reúnem as experiências individuais da personagem, que gravitam, se assim podemos dizer, sob um universo histórico e coletivo: a cidade, o sítio, o momento do coronelismo etc.

Para Halbwachs (1990) a lembrança é fundamental para que possamos voltar ao passado e estarmos em contato com os grupos que já se foram ou que ainda permanecem em nosso cotidiano, essas lembranças se dão através da rememoração e segundo ele “de todas as “interferências coletivas” que correspondem à vida dos grupos, a lembrança é como a fronteira e o limite: coloca-se na intersecção de várias correntes do “pensamento coletivo”.” (Halbwachs, 1990, p.14). Ou seja, ao lembrarmos um fato ocorrido outrora estaremos fazendo isso dentro de um determinado grupo porque dificilmente estaremos sozinhos no acontecimento de um fato, sempre haverá alguém presenciando, mesmo que seja somente um mero observador, porque vivemos em sociedade, conseqüentemente dentro de vários grupos sociais. Como mostra Halbwachs.

(...) não posso dizer que estava só, que refletia sozinho, já que em pensamento eu me deslocava de um tal grupo para outro, (...) eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das idéias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles. (idem, 1990, p.26,27)

A protagonista de *O berro* só relembra dentro de um grupo, ou seja, suas memórias são evocadas a partir do contato e das experiências dentro de determinado grupo social e cultural e, por meio desse, os fios da memória vão sendo reconstituídos.

As dimensões desta memória surgem nos textos aqui estudados, através de um passado recriado e reinventado também dentro de uma sociedade, portanto, essa memória não é individual e sim coletiva, uma vez que as personagens ao relembrares os acontecimentos e experiências vividas pela personagem são feitas dentro de um grupo suscitando outros personagens para recriarem o quadro desejado, elas nunca estão sozinhas, tem sempre outro personagem dividindo a cena com elas, seja em pensamento ou até mesmo em acontecimentos sobrenaturais.

Ao rememorarmos estes acontecimentos estamos evocando estes grupos de que participamos e é por isso que temos tanta dificuldade de lembrarmos um acontecimento que apenas nos diz respeito, porque não está inserido em nenhum grupo. E, segundo Pereira (2010), mesmo quando o ser humano acredita estar sozinho a observar determinado fato ou participando de um dado acontecimento, ainda assim, a sua imaginação e a sua memória não estão desconectadas do “outro”, ou seja, do social. (Pereira, 2010, p.42). Podemos observar isso n’*O Berro* quando o narrador/personagem suscita o tempo das suas reminiscências no sítio do Cordeiro, mediante o seu pai “Cortei todos os fios de controle que em mim tentaram colocar os padrões de papai. Ele também os cortou um a um começando pela madrugada no pantanal, salvou-se. Salvamo-nos. Graças a nossa rebeldia.” (ALBUES, 1995, p.129)

Pode-se observar que o narrador nos conta um fato no qual presenciou, e faz suas observações totalmente desligado de seu pai, mas fez isso dentro de um grupo, o familiar. Várias são as lembranças do narrador no sítio do Cordeiro, de seu pai, de sua mãe, de suas andanças em Mato Grosso e, posteriormente, em Nova York. Podemos observar também no conto *Buquê de Línguas* que o narrador faz seus apontamentos mediante observações de um fato ocorrido, “uma mulher sentada no chão começa chorar, convulsivamente; corta a cena ao meio. Todos se voltam, ela esmurra o próprio peito, soluça, entra em pânico, berra.” (idem, 2008, p.14)

Portanto, não estaremos sozinhos quando rememorarmos um acontecimento porque nossa memória é constituída de depoimentos de várias pessoas, que nos

deixaram impressas quando participaram de nossas vidas com seus conselhos, ensinamentos ou até mesmo com sua presença.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós tivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 1990, p.26)

Então conforme podemos perceber, Halbwachs (1990) acredita que a memória é sempre coletiva porque convivemos em sociedade e dela e das pessoas fazemos parte, mas o autor cita também a memória individual que também é construída através das lembranças situadas em um meio coletivo. Como então haverá a possibilidade de uma memória estritamente individual? Apesar de termos sempre depoimentos internalizados, há sim possibilidade de haver algum tipo de lembrança que reaparece em nossa memória sem que se possa relacionar com algum tipo de grupo que se fez parte, há momentos raríssimos em que estamos sozinhos a observar determinado acontecimento ou objeto e que não estamos ligados a nenhum tipo de grupo de que pertencemos e que podemos nos deslocar diante de um ponto de vista que seja somente o nosso sem relacionar a grupo nenhum, este fato comenta ele é muito raro e é denominado *intuição sensível*.

(...) Mesmo que fatos desse gênero fossem bastante raros, e mesmo excepcionais, bastaria que pudéssemos atestar alguns deles para mostrar que a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e, talvez, que ela não explica por si mesma a evocação de qualquer lembrança. Apesar de tudo, nada prova que todas as noções e imagens tomadas dos meios sociais de que fazemos parte, e que intervêm na memória, não cubram, como uma tela de cinema, uma lembrança individual, mesmo no caso em que não a percebemos. A questão toda é saber se uma tal lembrança pode existir, se é concebível. O fato que ela seja produzida, mesmo uma única vez, bastaria para demonstrar que nada se opõe a que intervenha em todos os casos. Haveria então, na base de toda a lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que – para distingui-lo das percepções onde entram tantos elementos do pensamento social – admitiremos que se chame *intuição sensível*. (idem, 1990, p.37)

Percebe-se, então, que a memória individual existe sim, mas ela está enraizada nos diversos grupos sociais de que fazemos parte e que a coincidência ou a contingência faz questão de reaproximar momentaneamente. A rememoração pessoal está engajada

nas diversas encruzilhadas dos múltiplos grupos sociais que participamos onde nada escapa a percepção social atual que vivemos e é através destes elementos que caracterizamos o que chamamos de lembrança, porque a definimos em linguagem.

Às vezes nos limitamos a dizer que as nossas lembranças passadas são compostas de duas formas: uma que conseguimos lembrar facilmente porque está no domínio nosso e de todos que nos cercam, ou seja, é tudo o que fazemos ou que acontece com a gente e que todos têm noção e podemos perceber e relembrar com facilidade, pois nos apoiamos na nossa memória e na dos outros. A outra, aquela lembrança do passado de que não conseguimos lembrar com facilidade e que não concernem as outras pessoas, mas somente a nós mesmos, se dá pelo motivo de que essa lembrança é exclusiva e compete somente a nós e não conseguimos lembrar para que ela não seja revelada aos outros, queremos esconder tanto que acaba fugindo de nós próprios. Neste sentido e a partir do exposto, de acordo com Halbwachs (1990) “(...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e este lugar mesmo mudam segundo as relações que mantenho com outros meios.” (Halbwachs, 1990, p.51)

Dentro deste quadro das memórias podemos inserir o romance *O Berro do Cordeiro em Nova York* e o conto *Buquê de Línguas*. A memória, portanto, se distingue da autobiografia e da biografia por conter elementos internos e pessoais de cada um, onde nos apresenta um quadro bem mais contínuo e denso, que são ressignificados e reelaborados em cada lembrança. Além disso, a memória nos apresenta a possibilidade de recriar os fatos considerados reais, sendo assim observaremos no decorrer da nossa análise como o narrador/personagem nos apresenta as suas aventuras, concomitantemente. Ao contrário da memória histórica que é exterior a cada um e nos traz um quadro bem mais amplo dos acontecimentos onde envolve também a memória coletiva. (Halbwachs, 1990)

*O Berro*, de Tereza Albues é uma narrativa que pode ser inserida como obra memorialística segundo Pereira (2010) cheia de incidentes dramáticos, histórias envolventes e fantásticas em que comparece uma sucessão de episódios que facilmente podem ser considerados “recriações” de fatos reais, vividos pelo narrador. Apesar de não conter na narrativa, nenhum elemento plausível que nos apresente evidências que possam estabelecer alguma relação entre o personagem/narrador de *O Berro* com a

escritora da obra. Poderíamos inferir que o tempo do narrador-personagem e da autora confundem-se, criando e abrindo a possibilidade para pensarmos no texto como autobiográfico, contudo não é esse o foco de nosso trabalho.

A narrativa nos mostra também dois pólos temporais, o passado que é o sertão mato-grossense (espaço enunciado) e o presente que é Nova York (espaço da enunciação), em que o narrador parece buscar incessantemente uma integração, um entrelaçamento entre esses dois pólos por meio da memória discursiva. Nessa narrativa comparece também uma forte denúncia sobre a condição humana, sobre as crueldades da parte dominante e da solidão vivida por seus personagens.

Tereza Albues utiliza-se do artifício da escrita, através da memória para reclamar as crueldades que acontecem no mundo, como se fosse um grito de desabafo do personagem/narrador para denunciar as crueldades sofridas por ela e sua família no desenrolar da trama. Percebemos, também, no conto *Buquê de línguas* essas denúncias das desigualdades sociais e essa mistura de dois mundos díspares que estão presentes, também, em *O Berro*.

O conto *Buquê de Línguas* (2008) vem mostrando as diversidades culturais existentes em Nova York e a forma com que as pessoas lidam com situações limites. Um acidente em uma linha de metrô fará com que seus tripulantes, pessoas de várias nacionalidades fiquem nivelados sem ter como resolver o problema para se salvarem, nisso eles buscam alternativas nas palavras para se refugiarem do pânico e saírem do silêncio que no momento era o seu maior inimigo, enquanto aguardavam o resgate dos bombeiros. Novamente Tereza Albues nos mostra em sua narrativa os dois pólos mencionados, esta dicotomia passado/presente e os espaços de enunciação, que serão foco de nossa atenção nesta proposta de pesquisa. Pretendemos analisar como o tempo e os espaços se fundem por meio da memória discursiva nessas duas narrativas.

## 1.1 NO LIMIAR DO TEMPO NARRATIVO

Para entendermos melhor a proposição desta pesquisa será necessário fazer um percurso teórico na linha do tempo e do espaço, assim será possível analisar consistentemente o proposto, pois isto nos possibilitará percorrer um caminho sólido, para a análise que nos propusemos: verificar o percurso memorialístico, a partir da configuração do tempo psicológico nas obras *O berro do cordeiro em Nova York* e *Buquê de Línguas*, de Tereza Albues.

No momento, nos ateremos somente à linha do tempo, entender quais são os seus caminhos e definições e, posteriormente, aplicarmos tal perspectiva nas obras, *corpus* dessa pesquisa.

Uma das definições de tempo que observaremos para análise do *corpus* é o tempo do relógio, conhecido também como tempo cronológico, de onde nos deslocamos e programamos nossas atividades cotidianas e o tempo psicológico que se cruza ao tempo cronológico, fundindo com isso o passado, o presente e o futuro. A narrativa de Tereza Albues apresenta-se com começo, meio e fim, de meses e de anos, contudo, não é uma obra linear, é um tempo infinito do qual a personagem tem seu deslocamento no romance, cruzando a este, temos o psicológico com regressões ao passado, em especial, o fluxo de consciência. Esta por sua vez responsável pela fusão temporal, fazendo com que se sobreponham em função de trazer a tona um passado remoto que se presentifica na narração do personagem.

Antes de mergulharmos nas concepções do tempo, consequentemente, do fluxo de consciência, e *flash back* conceituaremos para melhor entendimento o tempo discutido por Nunes (1995) na obra "O Tempo na Narrativa" o *Tempo cronológico*, *tempo histórico*, *tempo físico* e *tempo psicológico*.

O *tempo cronológico* é o tempo dos acontecimentos, baseado em movimentos naturais recorrentes, marcado por rituais e acontecimentos que servem de eixo referencial. É o tempo contado a partir de datas comemorativas ou fatos marcantes e importantes como nascimento de Cristo, firmado assim no sistema dos calendários. O *tempo histórico* por sua vez é marcado por períodos, fatos e acontecimentos, períodos longos e curtos, este que compreende as guerras, as revoluções, a queda da economia e

alguns fatos recorrentes na sociedade, inclusive a política e seus acontecimentos mentiras, roubos e tantas outras corrupções feitas pelos políticos, aquele marcado por um tempo bem mais complexo, por isso denominado período longo, que são o desenvolvimento do feudalismo, o advento do capitalismo que aí se segue.

Há também o *tempo físico* que podemos denominá-lo de movimentos simultâneos, aqueles que acontecem ao mesmo tempo. Este é o tempo do relógio que segue com sua ordem linear e regras dando vida à natureza e proporcionando o fluir da vida. Mas o que nos norteará na análise desta pesquisa é o *tempo psicológico*, que por sua vez nos ajudará analisar as reminiscências da protagonista na volta ao sítio do Cordeiro, em *O berro do cordeiro em Nova York*.

O *tempo psicológico* para Nunes (1995) é “a experiência da sucessão dos nossos estados internos (...) é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas.” (Pág. 18). Também, conhecido como tempo vivido ou duração interior, este pertence à classe das sensações interiores dos seres humanos, é quando um minuto parece uma eternidade quando nos entediamos, ou uma hora pode parecer um minuto se o viver intensamente. Isto varia de indivíduo para indivíduo, suas sensações do presente se apóia ora em função do passado alegrias e decepções, ora se apóia nos projetos do futuro, para Nunes é a mais imediata e óbvia expressão temporal humana.

Enquanto o *tempo físico* é conhecido por sua ordem objetiva e suas medidas precisas, que se apóiam no princípio da causalidade, ou seja, na vinculação entre causa e efeito, dando forma para a sucessão regular dos eventos naturais, o *tempo psicológico* “se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, o passado indistinto do presente, abrangendo, ao sabor de sentimentos e lembranças, intervalos heterogêneos incomparáveis” (Nunes, 1995, p.19).

Assim, observamos que Albues utiliza-se do artifício do fluxo de consciência como procedimento do discurso literário, para acompanhar os processos mentais do personagem no ato de rememoração. Anatol Rosenfeld (1996) em *Reflexões sobre o romance moderno* discute esta questão dizendo que o ser humano não vive somente no tempo, mas vive ao sabor de um tempo em que suas reminiscências se dão em um tempo não-cronológico, que não há uma linearidade de pensamentos, assim como no tempo psicológico. Mas que o tempo subjacente contém todos os anteriores, integrando como atualidade o presente e como possibilidade o futuro, diz ainda que:

(...) amorfiza ao extremo, confundindo e misturando, (...) fragmentos atuais de objetos ou pessoas presentes e agora percebidos com desejos e angústias abarcando o futuro ou ainda experiências vividas há muito tempo e se impondo talvez com força e realidade maiores do que as percepções 'reais'. (Rosenfeld, 1996, p.83)

Percebemos no romance *O berro* este vai e vem da memória no ato de rememoração, trazendo a tona lembranças significativas da infância do narrador personagem, do sítio do Cordeiro, em Mato Grosso, espaço em que viveu sua infância. No mesmo momento que conta uma passagem do tempo presente, surge uma lembrança de sua infância, ou de qualquer outro acontecimento vivido por ele, no qual não hesita em relatar, não se preocupando com a linearidade do texto. Vejamos:

Pelo rio Hudson as folhas secas, aguapés, cipós brancos, que desembocam do meu riacho do Cordeiro, espremido entre pedras, arvoredos, touceiras de bananeira brava. Deslizam. Da Fazenda Quirinal a Nova York eu nem ousa falar que o caminho é longo, Princesa Frederica Marialva ficaria espantada, eu também, é o "Longe Daqui Aqui Mesmo" de Antonio Bivar acontecendo no Rio de Janeiro, nas praias descalças de Santo Antonio do Leverger, na Grécia, em Nova York, (...). (Albues, 1995, p.180)

Como vimos neste trecho ao mesmo tempo em que o narrador está rememorando o seu passado que é o espaço do sertão mato-grossense, ele relata também o espaço do tempo presente que é Nova York. Não há uma linearidade na narrativa, de acordo com que as idéias surgem, vão sendo lembradas não se preocupando com o tempo e a cronologia das histórias.

Deste modo, observamos na escrita de Albues uma forma híbrida de conduzir suas narrativas. Híbrida no sentido da mistura de tempos que ocorrem no texto, dentre elas percebemos a marca registrada do tempo psicológico, que se divide em fluxo de consciência e *flash back*, como já foi dito, que retoma o passado como se não houvesse discrepância temporal na narrativa. Como se passado, presente e futuro fossem um só, que se funde, confunde e se sobrepõe. No seu romance *O Berro*, percebemos este artifício literário com tanta naturalidade e com certa intimidade que às vezes, os próprios leitores não conseguem se localizar em qual estado temporal o narrador está construindo sua narrativa. E então a leitura se torna prazerosa e cativante à medida que o leitor vai degustando suas histórias o narrador vai precisando o leitor de que tempo ele

está narrando naquele momento. Podemos observar este fluxo de rememoração quando o personagem-narrador retorna ao Sítio do Cordeiro em suas reminiscências;

E este frio nova-iorquino deixa um ser tropical cumprir propósitos ou seguir uma intuição modesta que seja? Me enrosco na poltrona em frente da lareira sob a manta de lã quadriculada, meu gato imaginário se aninha nos meus pés, bebo um café colombiano bem forte e quente, acompanhado de Grand Marnier açucarando as labaredas vermelhas crepitantes. Apanho da mesa de centro o monte de correspondência, contas, propagandas, brochuras diversas, nada interessante, quase desisto quando cai no meu colo uma carta pesada, envelope aéreo, nas bordas o verde e amarelo brasileiro, remetente: Cristiano Daro. Não é possível. É o meu amigo de infância, o filho de Leocádio, nosso vizinho do Cordeiro? Não acredito. Antes de abrir o envelope, retorno a Cordeiro, sou a menina que espera ansiosamente o domingo chegar trazendo Cristiano para passar o dia no sítio. (...) eu e Cristiano íamos andar pelo mato, caçar passarinhos e borboletas, tomar banho de córrego, nem fome sentíamos. (idem, P.232 e 233)

Percebe-se, neste trecho, que o narrador relata o momento em que está em Nova York, e um fato o faz relembrar o Sítio do Cordeiro, onde vivia sua infância, e em um instante ele retoma todo o seu passado através do fluxo de consciência, subentende-se que passado e presente são indistinto, que não há uma distância temporal enorme aí em jogo. Sob o mesmo ponto de vista percebemos este artifício no conto *Buquê de Línguas* também *corpus* desta pesquisa. No momento que acontece a explosão no trem e os seus tripulantes não sabem o que está acontecendo, ficam totalmente paralisados com medo do que pode ser então o personagem-narrador usa de sua habilidade de persuasão para retirar os tripulantes do torpor, do pânico do que estava acontecendo e para que isso fosse possível ele relembra um trecho de sua vida:

O medo nos paralisava. De repente, (...) tive uma idéia. E se pudéssemos conversar sobre qualquer outra coisa que não fosse a explosão? (...) Usar a língua. (...) Tínhamos emergência verbal. Não sei exatamente de onde me viera essa luz; talvez por ser uma contadora de história; por ter nascido no Pantanal e ter passado minha infância ouvindo histórias dos mais velhos; Histórias fantásticas que inundavam a imaginação, com mais força do que as águas das enchentes de novembro. (idem, 1995, p.15 e 16)

Observamos nas obras que as formas temporais se sobrepõem, ocasionando uma fusão de passado e presente. É quando no romance moderno a cronologia e a sucessão temporal foram dissipadas, as linearidades dos textos foram extintas, se desfizeram, para abrir caminho para uma nova forma de “fazer” romance, este sem uma forma

cronométrica, sem linearidade de momentos e acontecimentos “os relógios foram destruídos” (Rosenfeld, 1996, p. 80).

Estes tempos verbais, passado e presente são rememorados através do fluxo de consciência, à medida que a lembrança vem à mente, o narrador escreve não como um passado distante intocável, mas como um passado vivo que se mistura com o presente. Pois que no psíquico deste narrador o tempo não é definido cronologicamente, nele se absorve lembranças tanto individuais quanto coletivas, a partir de então se esboça reminiscências não-cronológicas acerca de suas histórias. Outra forma comum de retomar o passado é através do *flash Back*, “este recurso dá o passado como passado, como coisa morta, apenas lembrada.” (Rosenfeld, 1996, p. 83). E, portanto não é o que observamos nas obras aqui estudadas.

## 1.2 – ESPAÇOS E AMBIENTAÇÃO

Buscaremos, agora, situar os espaços mencionados nas obras utilizadas como *corpus* investigativo. Nas duas obras de Tereza Albues aqui citadas podemos observar a proposição de dois paradoxos, dois mundos completamente diferentes, dois espaços temporais: um ligado ao passado, espaço do sertão mato-grossense e o outro ligado à metrópole Nova York, espaço da enunciação, observamos também que estes dois mundos dialogam através da memória discursiva do narrador e que existe um desejo de integração das mesmas, nas obras, com maior ênfase em *O Berro do cordeiro em Nova York*. Portanto, chegamos à hipótese de que o tempo e o espaço se fundem e se “confundem” rompendo a cronologia temporal e espacial por meio da memória discursiva nessas duas narrativas.

Assim sendo, precisamos diferenciar a questão aqui levantada designada “espaço”, para sabermos de qual aporte teórico será necessário lançar mão para que possamos prosseguir na investigação de nossa pesquisa. Os dois espaços mencionados: Mato Grosso, que está ligado ao passado e Nova York, que está ligado ao seu presente, se fundem.

Antonio Dimas (1985) levanta e trabalha a questão do espaço em sua obra “Espaço e Romance” defendendo a idéia de que há duas formas de designar este proposto: segundo ele há o espaço e o ambiente; ambos são diferentes e não podemos confundi-los para efeitos de análise, porque o resultado esperado pode ser desastroso.

(...) para que o espaço puro e simples (o quarto, a sala, a rua, o barzinho, a caverna, o armário etc.) seja entrevistado em um quadro de significados mais complexos, participantes estes da ambientação. Em outras palavras ainda: o espaço é denotado; a ambientação é conotada. O primeiro é patente e explícito; o segundo é subjacente e implícito. O primeiro contém dados de realidade que, numa instância posterior, podem alcançar uma dimensão simbólica. (Dimas, 1985, p.20)

O espaço, portanto, é o lugar onde há determinada coisa, é onde vivemos, vemos e podemos referenciar, por exemplo, a nossa casa, a escola, a faculdade, enquanto que a ambientação é algo intrínseco, pois ela é inerente ao espaço. O ambiente é dentro, inseparável do espaço, é o próprio ambiente do espaço, e que não podemos referenciar há não ser senti-lo.

## CAPÍTULO II

### DO SERTÃO MATO-GROSSENSE À BABILÔNIA AMERICANA: NO TEAR DA MEMÓRIA

A literatura mato-grossense vem sofrendo, há algum tempo, com as críticas literárias, que querem definir o que pode ser considerado ou não literatura regional, literatura mato-grossense. De uma forma grotesca, há um pensamento errôneo de que literatura regional é tudo o que se fala e vangloria as terras e paisagens. Se assim for, isso não seria uma forma reducionista de se pensar as expressões regionais?

Há esse respeito Mário Cesar Silva Leite (2005) diz que muitos são os estudiosos engajados nesta questão, na busca de uma definição. Desde os consagrados e importantíssimos escritores mato-grossenses Dom Aquino e José de Mesquita que são os primeiros a constituir um sistema de literatura regional, até os grupos modernistas compostos principalmente por Gervásio Leite e Rubens de Mendonça que buscam uma definição para as literaturas produzidas em Mato Grosso. Lúcia Miguel Pereira afirma que há que se tomar cuidado, pois a literatura regional pode estar ou entrar, em certos casos, no crivo da literatura de cunho bairrista, ou seja, fixar as produções, apenas, no meio em que elas são produzidas.

Portanto, pode ser considerada literatura mato-grossense as obras que são produzidas aqui e as que falam de Mato Grosso também. Magalhães (2001, p. 18) diz que são “(...) os textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou que nele residem (ou tenham residido), contribuindo para o enriquecimento da cultura do Estado.”

A autora de *O Berro do Cordeiro em Nova York* e do conto *Buquê de Línguas*, Tereza Albues é considerada uma escritora mato-grossense por ser nascida em Mato Grosso e também por relatar vivências ocorridas em Mato Grosso. Albues, mesmo distante de Mato Grosso, traz na reconfiguração de suas memórias a representatividade do sujeito mato-grossense, de suas angústias, descobertas e realizações.

## 2.1- NOS LIMIARES DA MEMÓRIA: O BERRO DO CORDEIRO EM NOVA YORK E BUQUÊ DE LÍNGUAS.

*O berro* é o quarto romance de Albues e nos apresenta duas realidades distintas, uma voltada ao sertão mato-grossense e o outro a babilônia americana, esta obra além de ser cativante, contém elementos memorialístico, quebrando com a linearidade temporal. Ainda assim mantém uma sequência de fatos que nos situam o fio condutor da narrativa. Esta obra, assim como o conto aqui estudado *Buquê de Línguas*, é narrado em primeira pessoa, sob a ótica do personagem narrador que projetou em *O Berro* estes dois pólos mencionados e as desigualdades vivida por seus personagens, mas que deixa claro também no conto estes dois espaços Mato Grosso e Estados Unidos que,

(...) apresenta como contrapontos duas realidades e dois espaços temporais: um, ligado ao passado, é o espaço do sertão mato-grossense, com seus latifúndios, o seu pantanal e suas desigualdades sociais. O outro, ligado à metrópole Nova York, é o espaço da enunciação, evidenciando ao mesmo tempo um distanciamento entre os dois mundos, as duas culturas e a necessidade de integração das mesmas. (Magalhães, 2001, p.247)

O livro *O Berro* é organizado em nove capítulos, que nos dão uma idéia de gestação. Do primeiro ao sexto capítulo o narrador relata as suas peripécias no sítio do Cordeiro, toda a sua infância rica em detalhes, mas concomitante a isso a protagonista retrata também os acontecimentos do seu tempo presente, isso é possível pelo *flash back* utilizado muitas vezes como artifício estético pelo narrador, para mostrar que ele faz cortes na narrativa e apresenta outro momento de sua vida.

O sétimo capítulo narra à saída da protagonista do sítio do Cordeiro em Mato Grosso e ida para o Rio de Janeiro, retrata também um pouco sobre os inúmeros e tempestuosos relacionamentos amorosos além de retratar com força e suavidade o fantástico, quando em uma noite em Veneza a protagonista conhece um rapaz, passeia com ele a noite, anda de gôndola, mas acaba se perdendo dele a noite na festa, mas na manhã seguinte ao voltar ao cais e perguntar do rapaz para o gondoleiro recebe a seguinte resposta: “Quem? O rapaz que me trouxe aqui na sua gôndola. A ragazza está equivocada, eu a trouxe sozinha da Piazza San Marcos, nenhum ragazzo a acompanhava. Verdade? Juro por San Genaro.” (Albues, 1995, p. 182).

O oitavo capítulo relata a chegada da protagonista a San Francisco, Califórnia nos Estados Unidos, além de mostrar a tênue luta do narrador na incessante busca de se descobrir, pois naquele instante já estava em processo de transformações ideológicas, quando no romance ele mesmo se questiona “Onde estou, de onde venho, o que faço, quem sou?” (idem, 1985, p.188), em um constante processo de mutação e libertação de si e ao relembrar o passado, busca refletir, também, sobre o vivido.

Já no nono e último capítulo, a protagonista retrata o seu renascimento para (ver) o mundo e não para (vir) ao mundo, como bem coloca no início do primeiro e do último capítulo em letras maiúsculas para chamar mais a atenção. “MINHA MÃE ME PARIU DE PÉ, tanta pressa tinha eu de **vir ao mundo** (...)” (p.11) capítulo 01 e no capítulo 09 “MINHA MÃE ME PARIU DE PÉ, tanta pressa tinha eu de **ver o mundo** (...)” (p.215). Neste nono capítulo ela narra o ápice de sua libertação em uma escrita cheia de histórias que perpassam o real e o mítico com recordações cheias de alegrias, tristezas e defrontamentos, concluindo assim o ciclo gestacional na qual ela se apoiou para construir este romance de sabor memorialístico.

De antemão o narrador-protagonista deixa claro que o romance *O berro* não é uma obra linear, onde há cortes profundos. Ele pretende contar as lembranças através da memória, norteadas pelo fluxo de consciência sem preocupações cronológicas. Mas que relatará acontecimentos que foram importantes em sua vida, e antecipa que por ser reminiscências não se sabe onde começa e nem onde termina, sem uma cronologia do que veio primeiro, ele recria espaços e personagens, onde sempre reina o mítico, o fantástico e o real.

Pretendo aqui contar as lembranças sem preocupação cronológica, observações e experiências que me parecem importantes, uma cadeia de fatos saltando do esconderijo da memória à medida que sua revelação vai se incorporando na trajetória do discurso que não busco seja linear. Cortes profundos se impõem no decorrer das idéias, projeções, fotografias, a carne lanhada, o cerne da vida, há que se desnudá-lo. (...) não há uma ordem do que veio primeiro, o tempo foi abolido, as cores das passagens vêm da emoção, da paixão com que foram ou estão sendo vivenciadas, nelas o tom e o andamento se movem frenéticos, lânguidos, delicadeza e violência conforme a natureza do momento afluído. As etapas se sucedem, se superpõem num espaço real ou mítico ao balanço de gangorra, corda bamba, cenários mutantes. (ibidem, 1995, p.11 e 12)

Estas lembranças que vimos no trecho acima nos mostram as reminiscências dos tempos remotos da protagonista da trama, tempos de sua infância no sítio do cordeiro, tempos da adolescência e também da sua vida adulta. Estas lembranças vêm livres e espontâneas a memória através do fluxo de consciência, definindo assim o tempo psicológico.

O título da obra *O berro do Cordeiro em Nova York*, por si só já diz muito. E tem uma relação muito grande com a temática contada no livro; é quando “o berro” que podemos entender como grito, desabafo, de um lugar o “Sítio Cordeiro” ecoou tão alto que foi parar em Nova York, quando o eu do narrador-protagonista é lançado para além, para um mundo que não fosse restrito ao que já estava acostumado, o personagem foi lançado para um espaço que nem ele acreditava alcançar e que provavelmente não seria para ele, se tivesse agido como todas as outras pessoas daquela época.

Outro fator a se observar é a questão da grafia do final do título “Nova York”, neste trecho observamos também que há uma mistura destes dois espaços que vem sendo discutido nesta pesquisa, o espaço do sertão mato-grossense (Brasil) que fala a língua portuguesa e o espaço de New York (EUA) que fala o inglês. A protagonista fez questão de misturar as duas línguas faladas, “Nova” (Brasil) e York (EUA) para percebermos que não tem diferenciação de passado e presente, eles se misturam. Ela faz uma espécie de joguinho com o final do título, misturando a língua brasileira e a língua inglesa, ou seja, Nova (Brasil), ao invés de New e York (EUA). Além da grafia do final do título que achamos interessante ressaltar, observamos que todo o título configura em uma grande mistura de mundos, pois “*O Berro do Cordeiro*”, nos deixa claro que vem do seu passado, ou seja, Brasil e este berro em “*Nova York*” que está diretamente relacionado ao seu presente, onde a autora vivia enquanto escrevia este romance.

A protagonista de *O berro* foi uma mulher inquieta, buscando sempre algo a mais, não se estagnava e se contentava com o que já havia feito o que já havia conquistado. Foi atrás dos seus sonhos e no decorrer da trama podemos perceber um desabafo, de uma mulher que se sentia vencedora na vida, que havia conquistado o que almejava, que havia vencido as humilhações e ultrapassado todas as barreiras impostas.

Saltei, criei asas, voei pontes, morros, cruzei a fenda abismal, optei pela vida maior, o risco arisco, a fresta do ilimitado, a sedução dos enigmas. Que bom que eu fiz! Vê? Hoje vivo noutro paralelo, gozo o ardor do mundo, desvencilhei-me dos antolhos que te protegem contra

o que de mais belo pode te acontecer, a soltura de ti mesma. (ibidem, 2005, p.219 e 220)

Neste trecho, percebemos o grito de liberdade da protagonista, quando ela se liberta das humilhações, de todos os tipos de domínios, e também do próprio medo, do novo, do desconhecido, quando se lança para o além, um mundo totalmente desconhecido e que daria a felicidade que tanto buscava. Semelhante ao que o narrador-protagonista afirma na citação acima, a escritora Tereza Albues dá a seguinte explicação ao falar de sua quarta obra *O berro*: Eu sou... “Aquela criatura que nunca se conformou com a frase “sou pobre, vou morrer pobre”. E é isso aí. Eu toda vida quis fazer meu próprio destino.” (Folha do Estado, Cuiabá, 24 de Agosto de 1995)

Como já foi dito, este romance *O berro*, vem retratando/mostrando as crueldades com o próximo e o abuso de poder sobre aqueles que se sujeitavam por viver sob um sistema onde o coronelismo imperava. A protagonista foi humilhada e discriminada e experimentou desde a infância a discriminação racial, social e, principalmente, familiar:

(...) uma menina triste, esmirrada, cabelos longos e crespos, olhos e barriga enormes, pele escura, encabulada. Cedo percebi que mamãe dedicava especial atenção ao meu irmão mais velho, eu vinha sempre em segundo plano. Ele era bonito, moreno-claro, nariz arrebitado, esperto, vivo, sociável, as pessoas demonstravam encantadas com ele. (...) As minhas cinco tias e vovó Antonina, que se diziam brancas legítimas, não me perdoavam a cor da pele. Racistas ferrenhas tinham vergonha de ter na família uma negrinha, como me chamavam. (Albues, 1995, p.42 e 43)

A protagonista sentia-se insultada com tantos “adjetivos” incabíveis, os seus parentes maternos não a aceitavam por ser uma “negrinha”, onde só ela era desta cor por ter puxado o seu pai, que na maioria das vezes não dizia nada pra tentar socorrer a menina, dos insultos e das brigas com sua mãe e por este motivo não tinha o “direito” de ser de uma família em que todos eram brancos, deste modo escondiam seus materiais escolares, porque uma pessoa nessas condições sociais não precisava ir à escola.

Sem tréguas a luta com minhas tias, redobrava. Chegavam a esconder meus cadernos, livros, apontador de lápis. As dificuldades que me criavam se tornaram desafio, me incitavam a estudar cada vez mais, sentia que delas me distanciava à medida que conquistava um espaço que era só meu, me estruturava. Lancei-me com fúria aos livros, era a primeira da classe, dez com louvor passou a ser meu conceito habitual, especialmente nas composições e dissertações, os professores escrevendo elogios nas beiradas dos cadernos. Estímulos que caíam

em mim como o melado grosso e morno dos tachos de cobre das fazendas, adocicavam meu ego, me deixavam risonha por dentro. A alegria imensa ao receber o boletim mensal com notas altas era maior do que a dos meus pais, para eles eu fazia minha obrigação, para mim significava mais uma vitória a caminho da libertação. (idem, 1995, p.76)

A protagonista utilizava-se do mundo dos estudos para se libertar das crueldades que vinha sofrendo de sua família. Da opressão que sofria da família de sua mãe que achavam que não tinha direito de estudar por ser uma pessoa de pele escura. A cada nova descoberta, a cada nota alta no boletim, fazia com que ela se enchesse de esperança para continuar e quem sabe um dia conseguir respeito e admiração de todos. Os obstáculos encontrados não a faziam desistir, mas a motivava para prosseguir na vida atrás de sua liberdade, posto a todo o momento em discussão neste romance. Em contrapartida a escritora desta obra Tereza Albues diz em entrevista a um jornal em relação à obra *O berro*, o que nos faz pensar no teor memorialístico da obra que:

Vim de uma família muito pobre, mas me lembro que sempre quis estudar. Achava que era a única maneira de mudar as coisas e ter outra chance na vida. Fiz esforço. Era a primeira da turma. Só queria estudar, estudar, estudar. Não tinha incentivos. Alguns diziam que eu era escurinha, que eu não era para estudar. Estes preconceitos bobos. Aquilo era coisa da minha cabeça mesmo. Pensei até em desistir. Mas persisti no meu caminho. (Folha do Estado, 1995)

Por várias vezes nesta entrevista concedida ao jornal Folha do Estado a escritora destas obras aqui estudadas Tereza Albues vem tecendo comentários, sobre a sua vida que se pararmos para averiguar na obra há uma aparente semelhança nos fatos, com os fatos dos romances, aumentando ainda mais o seu teor memorialístico, como ela mesma diz "(...) toda ficção é baseada na realidade, posso dizer que escrevo reminiscências do que vivi" (Albues, Folha do Estado, 1995).

E é por esta linha de raciocínio que nos embasamos para dar sequência nesta pesquisa, sabendo que foi através da memória que Albues vêm revivendo/reinventando suas reminiscências, vem nos mostrando um mundo cheio de histórias e personagens míticos. O tempo psicológico é predominante neste romance e há cortes profundos nas narrações em que o artifício estético da literatura fluxo de consciência entra em cena para delinear o tempo que está sendo narrado.

O mergulho nas águas desconhecidas do inconsciente traz a mulher, a criança, a adolescente, suas descobertas, derrotas, vitórias, fraquezas, fantasias, dúvidas, certezas temporárias. Salto do trampolim, apanho

no ar rostos, pernas, braços, um olhar, um sorriso, corpo inteiro de pessoas que da minha vida partilharam, quero que elas venham comigo nesta saga que não sei onde começa, que diria do fim? Nado na superfície calma do lago que inventei para tomar fôlego, coragem, sei que de dor e confrontação este livro será pontilhado. Por isso preciso de companhia. Por que não? (Albues, 1995, p.12)

Neste momento do romance, o narrador avisa que retornará ao passado e buscará pessoas para fazer esta caminhada (da criação do livro) com ele, ele “saltou do trampolim”, ou seja, fez uma ponte com seu passado para lembrar todas as suas aventuras e desventuras. Utilizou-se da memória coletiva e buscou pessoas e coisas para fazer esta caminhada com ele, e então o tempo psicológico funcionou com perspicácia nesta parte, pois os leitores foram avisados que voltariam ao passado através da memória para buscar lembranças, reconstruir a infância da protagonista, que de imediato já avisa “sei que de dor e confrontação este livro será pontilhado”. (idem, 1995, p.12)

O sentimento de distanciamento e proximidade nas narrativas são visíveis. A todo o momento o narrador insere em um contexto aquém, os flashes de um determinado acontecimento vivido na sua vida adulta e inserida em suas memórias da infância. É quando observamos esta dicotomia que a todo o momento é posta.

Ouçó um miado, é ela me tocaiando, a saguinária. Tranco portas e janelas, me encolho, a esperança cresce, a pintada não aguentará o frio, estamos a 10 graus abaixo de zero, que animal do sertão mato-grossense resistiria? Não precisa carregar a espingarda, papai, fazer pontaria, perda de tempo, ela vai cair esticada, congelada, melhor pra gente, a pele será perfeita, nem um furo sequer. (idem, 1995, p.194)

Em *Buquê de Línguas*, no desenrolar da história o narrador nos apresenta a infância da protagonista ao relatar-nos um fato, quando as pessoas estão aterrorizadas com o acontecimento e pensando na possibilidade de uma bomba, quando estão atônitos, em silêncio total, pois estão amedrontados e o narrador relata, como ele conseguiu solucionar o problema:

(...) O medo nos paralisava. De repente, saí do torpor, tive uma idéia. E se pudéssemos conversar sobre qualquer outra coisa que não fosse a explosão? Conversar o quê? Qualquer coisa, cômica, trágica, ridícula, passional, o que fosse. Usar a língua. O importante era estilizar aquele silêncio que, como uma erva daninha, crescia em volta da nossa garganta ameaçando nos estrangular. Tínhamos emergência verbal. Não sei exatamente de onde me viera essa luz; talvez por ser

uma contadora de história; por ter nascido no Pantanal e ter passado minha infância ouvindo histórias dos mais velhos; histórias fantásticas que inundavam a imaginação, com mais força do que as águas das enchentes de novembro. (...) (Albues, 2008, p.15,16)

Pudemos perceber nos trechos acima que o narrador-protagonista sente a necessidade de retomar o seu passado, de nos contar a sua história, de estar colocando estas duas realidades sempre como duas realidades indissociáveis, percebemos o orgulho que ele sente de falar de sua terra-mãe. E ao fazer isto no conto a protagonista está tentando buscar uma solução para tentar apagar o pânico que reinava entre os tripulantes e foi através da linguagem que conseguiram solucionar o problema de que partilhavam, contando fatos que ocorreram em suas vidas, cantando e declamando poesias, cada personagem com sua língua materna, portanto chegamos à conclusão do motivo no qual o conto recebeu este nome, pois mesmo sendo vários tipos de idiomas, não houve problemas nenhum para se comunicarem. *Buquê de Línguas* foi o nome que se encaixou perfeitamente neste conto, pelo motivo de que são pessoas de vários lugares e com várias experiências, se comunicando ao mesmo tempo para tentar sanar um problema em comum.

Neste conto, o narrador relata que há uma mistura de povos, de várias nacionalidades, para mostrar que todos estão em um mesmo lugar no “trem”, no mesmo patamar, nivelados e sem ter como se salvarem. Diante disso, percebemos que Tereza Albues utiliza-se da palavra “berro”, também usada no seu romance *O berro do cordeiro em Nova York*, que designa e pode ser entendida como “Grito”. “A metáfora do grito pode ser entendida também como uma forma de questionamento da essência humana. Nesse caso, o grito ressoa como doloroso enfrentamento dos limites do homem, impostos pela fragilidade humana.” (Magalhães, 2001, p.249). Ou seja, o “berro” que Albues utiliza em suas obras aqui estudadas tem caráter de denúncia social aos problemas que afligem as pessoas, significa também a dor das pessoas diante dos fatos, porque o ser humano é frágil e não aguenta as injustiças sem sentir as marcas, a dor.

No conto podemos perceber que as duas vezes em que a autora utilizou a palavra “berro”, os personagens estavam em pânico por um acontecimento do seu passado.

(...) Uma mulher sentada no chão começa a chorar, convulsivamente;  
(...) Todos se voltam, ela esmurra o próprio peito, soluça, entra em

pânico, **berra**. Estamos sendo levados para o campo de concentração feito gado. Dentro em pouco, as portas vão se abrir e o esquadrão da Gestapo aparecerá. Caímos na armadilha. É isso o que acontece todos os dias na Alemanha. (Albues, 2008 p.14)

Neste trecho, o berro utilizado pelo personagem tem o significado de medo, pânico de coisas vivenciadas no passado e que não estão totalmente resolvidas ainda, como bem coloca Magalhães (2001), que o ser humano é frágil às recordações que ainda não cicatrizaram e tem medo que tudo ocorra novamente, mesmo não estando no mesmo país as lembranças são constantes. Pois o narrador se apóia na memória coletiva dos grupos que viveu no passado, para trazer a tona memórias que causam dor e questionamento nos personagens. Vejamos o próximo personagem:

(...) Um silêncio constrangedor. Cortado pela voz metálica do alto-falante, pedindo calma, houve um acidente na Manhattan Bridge, em breve seríamos liberados; o Corpo de Bombeiros, polícia, Ambulância a postos, à saída da estação. Calma. Everything is under control. Que controle? **Berrou** o iraniano. Estamos enterrados vivos neste subterrâneo, eu quero sair, me tirem daqui, não sou culpado, não traí ninguém, jamais conspiréi contra o Ayatolá, sempre obedeci às leis do Alcorão, não escrevi nenhum verso satânico, por que me condenaram? (...) (idem, 2008, p.14)

Como vimos este personagem também sofre com a dor e as marcas impressas na memória coletiva de um passado de angústias e sofrimentos, e este berro simboliza o seu grito de pedido de socorro, com medo de que tudo aconteça novamente.

*N'O berro* são relatados as experiências de vida da personagem, principalmente, na sua infância em Mato Grosso, espaço enunciado através do fluxo de memória, casando na maioria das vezes com o espaço dos EUA, que é o tempo da fase adulta, como vimos nos trechos citados acima. E o ato de rememorar é fundamental nesta façanha, é através dele que percebemos o real e a ficção caminhando lado a lado quando Albues relata a um jornal local que:

Cordeiro é um sítio onde eu morava quando tinha 02 anos de idade. O cordeiro é um animal dócil, que não briga, vai para o cutelo com lágrimas nos olhos, mas não berra. Este cordeiro berra. Ele representa o lugar que eu morava e ao mesmo tempo sou eu. (...) Este berro é uma criança que chora com dor de barriga. Este berro chega até Nova York. É uma visão mítica. A história mesmo é uma grande travessia,

que vai do Cordeiro até os EUA. Lógico, que no meio do caminho, muitas coisas aconteceram. (Folha do Estado, 1995)

Concomitantemente a este relato podemos observar no romance *O berro* quando a narradora-protagonista relata sobre o seu “berro/grito”:

Sou uma criança com dois anos, choro de dor de barriga, tenho um novelo de vermes nas tripas, visível pelo volume e movimento que fazem na pança inchada, sinto cólicas infernais, berro, tenho as faces arroxeadas, berro, ainda não sei falar, papai me carrega e anda comigo pelo quarto tentando me acalmar, continuo berrando. Tão alto que me ouvem nas ruas de Nova York, as velhinhas de chapéus floridos, terninhos impecáveis, cabelos tingidos, lábios vermelho-carmim, colocam a mão em concha nos ouvidos, assuntam, inquirem, por que não dão uma mamadeira de suco de maçã para essa menina? Me deram. (Albues, 1995, p.12 e 13)

Este verbo berrar relatado tantas vezes neste romance e observado neste trecho, tem sentido direto com o desejo de gritar “berrar” as memórias guardadas no inconsciente da protagonista. O desejo de reviver/reclamar tudo o que essa criança de 02 anos passou no sítio do Cordeiro na infância, na adolescência e também dos infortúnios da fase adulta. O berro que é um ato comum do carneiro citado na obra vem simbolizando a voz humana que tem a necessidade de reclamar as angústias sofridas em seus tempos remotos, as humilhações, as insatisfações da protagonista de tantas injustiças que cometeram com ela, na intenção de se fazer ouvir em MT e ecoar no passado e presente, através da memória da personagem se fazer ouvir nos EUA. Isto foi possível porque o narrador se apoiou na memória dos grupos vividos no passado e trouxe a tona estas questões que não estavam totalmente resolvidos em seu íntimo e o fazia sofrer.

Este grito catártico reclama as condições sociais impostas à protagonista e sua família, Pereira (2010) em suas discussões diz que para Nely Coelho “não era a cidade de Nova York que precisava ouvir o seu berro “catártico” (grito), mas sim ela própria.” Portanto, para Albues este grito significa libertação de seus medos e fantasmas presos e guardados há tanto tempo no inconsciente, este grito ultrapassa todas as barreiras de uma forma mítica e bem delineada que ecoa na dicotomia posta por Albues MT e EUA. Este grito é subjetivo e existencial que se firma também na denúncia social do abuso de poder, em busca de mão-de-obra barato e escravidão branca:

Ao lado do cabaré de Genu havia uma pensão para seringueiros, os caminhões chegando e despejando-os lá para depois de um mês recolher os coitados e levá-los de volta ao seringal. Tornavam-se escravos dum sistema ao qual se submetiam sem desconfiar que eram manipulados pelos donos do seringal, macomunados com a proprietária da pensão e até com as putas locais. Depois que gastavam todas as economias, sem dinheiro até pra pagar a comida da pensão, os patrões apareciam, pagavam a conta e pronto, o incauto caíra no laço de novo. Outra vez passaria mais um ano pensando nas matas se, com muita sorte, não fosse morto por feras, picadas de cobras ou pela bala assassina do capataz. Alguns deles tentavam fugir na hora que o caminhão chegava na pensão, aí eram levados à força, saía tiroteio, chamavam a polícia, eles eram jogados amarrados na carroceria do veículo que partia a toda velocidade. Quantas cenas dessa natureza presenciei, balas zunindo nas orelhas, sem saber que ali negociavam com vidas humanas a preço tão irrisório que a soma não daria pra comprar um sapato novo. Que crime cometeram? Estavam devendo o patrão e tinham que pagar com a vida se preciso fosse. Alguns pagavam mesmo, tão logo chegavam no seringal, executavam o rebelde na frente dos companheiros. Pra servir de exemplo. E ficava por isso mesmo, nunca prestaram contas do sumiço dos homens nos seringais. (Albues, 1995, p.101)

Com base neste trecho podemos observar uma forte denúncia sobre a condição humana, sobre as crueldades da parte dominante e da solidão vivida por seus personagens. É quando homens são feitos de escravo por uma massa dominante, sem condições nenhuma de direitos enquanto cidadão, Magalhães diz que estas “cenas são caracterizadas quando o poder financeiro ou político suprime o humano nos homens.” (p.250). Albues vêm mostrando e retratando o domínio sobre a massa, a forma como é buscada a mão-de-obra barato, sem deixar brechas para os dominados escaparem, naquela época quem mandava era quem tinha dinheiro, os trabalhadores somente obedeciam e não podiam exigir nada, nem bons salários e muito menos moradia decente para sua família. Outra passagem que retrata claramente este abuso de poder é quando Venâncio relata para sua filha a forma como foi parar na revolução de 1932, em São Paulo, como o governo usufrui de seu poder como artifício para enganar os soldados.

Eu já te contei como fui mandado para a revolução de 1932 em São Paulo? Não. Foi assim: “Eu era recruta, o sargento reuniu a tropa no pátio do quartel, posição de sentido, berrou: Quem quer ir passear em Corumbá, dê um passo à frente. Muitos deram, eu também, quem não queria conhecer uma cidade bonita, viajar de lancha pela primeira vez? Embarcamos felizes da vida no meio de algazarras, despedidas com banda de música no cais do Porto. Chegamos a Corumbá, lá nos embarcamos imediatamente no trem para São Paulo, quando desembarcamos fomos enviados para o campo de batalha, estávamos no meio duma revolução, sem quê nem pra quê. É possível uma coisa dessas? Fomos enganados por aqueles em quem depositávamos máxima confiança. Ludibriados pelo Exército, quem havia de dizer? Mas no mundo ninguém está livre duma traição, ela pode surgir de

onde menos se espera, se precaver de que jeito, não é, minha filha?"  
(idem, 1995, p.126 e 127)

Este é mais um quadro que retrata muito bem o abuso de poder que Albues coloca tão bem em suas narrativas, Venâncio foi traído por pessoas na qual depositavam máxima confiança, por quem representava o poder, o domínio aos malfeitores, e foram os primeiros a enganar e hostilizar a classe mais pobre e sem voz ativa. Este romance vem delineando os perambular do personagem-narrador em sua infância nos sertões mato-grossenses, as humilhações sofridas por ele e sua família, além da busca incessante de seu pai Venâncio atrás de melhores condições de vida para sua família e o seu confronto com as enganações do poder público como já vimos e dos fazendeiros como veremos a seguir.

Dois anos estagnados, sem nenhuma perspectiva de melhora quando aparece um homem falante, simpático, desembaraçado, dente de ouro brilhando na boca de riso fácil, recrutando gente para trabalhar nas grandes fazendas do Pantanal. Salário convidativo, pelo menos três vezes o que papai ganhava, comida e moradia incluída, casa boa, espaçosa, conforto para a família. Mamãe relutou um pouco, é muito ermo, tinha receios. Papai disse que seria apenas por dois anos, fariam economia e voltariam para Cuiabá, quem sabe até com um dinheirinho pra casa própria e tocar algum negócio, convenceu-a. Partimos de caminhão junto com outras famílias, viajamos cinco dias até alcançar uma imensa lagoa onde já nos esperava uma chalana – embarcação em forma de canoa só que muito larga e profunda – onde nos amontoamos feito gado, céu aberto, uma pesada lona servindo de cobertura para se proteger de sol ou chuva. (...) Quando desembarcamos, o homem conversador que se chamava Raimundo nos entregou ao capataz da fazenda, entrou em seguida na chalana, deu a volta, acenou com as mãos, adeus apressado, sumiu. (ibidem, 1995, p.21 e 22)

Venâncio na ansiedade de dar uma vida melhor para sua família com mais dignidade, casa boa, comida e um bom trabalho, se viu enganado por fazendeiros que se aproveitavam das situações desfavoráveis dos moradores do sertão mato-grossense, por serem menos instruídos, mas com mão-de-obra “barato e qualificada” porque neste caso não pagariam pelos serviços prestados. Eram prezas fáceis de serem recrutados para a escravidão branca tão comum naqueles tempos. Venâncio é um personagem que representa na narrativa de Albues, um ser humano bom, sem malícia, mas injustiçado, enganado e obrigado ao trabalho escravo, por correr tanto atrás de uma vida melhor e digna para a família.

No conto *Buquê de Línguas* também podemos perceber estas relações de abuso de poder, a forma como os dominados (pobres, negros, índios...) e os dominantes (grandes proprietários, governo...), agem em uma época que quem detinha o poder era os grandes fazendeiros e o governo, exatamente da mesma forma posta por Albues em *O berro*. Hilda Magalhães comenta sobre isto ao estudar as obras de Tereza Albues dizendo que:

(...) Aprofundando-se na especulação dos mecanismos da dominação, Tereza Albues nos apresenta situações em que os dominados, havendo introjetado a ideologia do dominante, se encontram impossibilitados de se rebelar contra o Sistema e de se libertarem da culpa que carregam por serem negros ou pobres,... (Magalhães, 2001 p.253).

Ou seja, Magalhães diz que dentro de um sistema as pessoas já estabelecem esta relação de poder, em que os pobres e negros sabem o que devem ou não fazer e os ricos e bem sucedidos mandam, desmandam e cometem injustiças sem que ninguém os denuncie ou os confronte. Além dos dominados serem humilhados pelos ricos e grandes fazendeiros, há que temerem ao governo, porque eles detêm o poder sobre os dominados também.

Podemos observar esta relação de poder entre dominado/dominante no conto *Buquê de Línguas*, quando o narrador relata a história de um tripulante do trem, que se chamava Gertrude Shulman e era Alemã.

(...) As lembranças voltam sempre a me atormentar. Meus pais foram presos pela Gestapo, quando estávamos saindo de Berlim num trem, tarde da noite. Eu tinha apenas sete anos, os guardas não me viram, escondi-me debaixo das saias duma mulher gorda, eles passaram. Essa senhora tomou conta de mim durante muito tempo, conseguiu me embarcar num navio e me mandar para a América. Meus parentes me receberam e me trataram com muito carinho. Mas eu nunca mais me esqueci da cena: os dois sendo levados, aos gritos, eu muda pelo terror, nem murmúrio soltava. Morreram no campo de concentração de Auschwitz. E eu morri por dentro. (...) (Albues, 2008 p.16)

Observa-se, neste trecho, as injustiças cometidas pelo governo na Alemanha, a comando de Hitler, o governo capturava as pessoas aleatoriamente, na segunda guerra mundial e mandavam para os campos de concentração para fazer experiências com elas. Essas pessoas foram capturadas somente por não pertencerem à raça ariana que eles acreditavam ser a melhor na Alemanha, não os alemães que nasceram lá, mas os que

tinham um biotipo especial (loiros, altos...), com isto o governo de Hitler se achavam no direito de exterminar os judeus, isto porque estavam sobre seu poder na Alemanha.

Há também no conto a história de um rapaz iraniano que foi barbaramente castigado pelo governo de seu país por escrever versos que falavam de direitos humanos que foram considerados subversivos:

(...) Subitamente outra explosão, o trem estremeceu, novamente fomos empurrados um contra o outro. Novamente o silêncio. Desta vez quebrado em segundos. Pelo iraniano que, gesticulando muito, disse de supetão: eu também quero falar, dá licença, não pensem que sou maluco quando reagi daquele jeito. Sou um homem simples, pacato, religioso. Trabalhava duro na loja de tapetes do meu tio Amir em Teerã, vivia para a família, nunca tive problema algum com a Lei. O mesmo acontecia com Samir, meu irmão mais novo. Só que ele escrevia poesia e algumas falavam de direitos humanos. Daí que o governo achou que eram subversivas, meteu ele na prisão, incomunicável. Depois de muitos meses, soltaram ele, coitado. Apareceu magro, cheio de cicatrizes, mancando duma perna. Tinha sido torturado violentamente, quase acabaram com ele. Pancadas, choque elétricos, além de tormentos psicológicos. Ele voltou muito deprimido, vivia calado, mas continuou a escrever. A polícia vigiando de perto, telefone censurado, recebendo ameaças anônimas a todo o momento. Até que, não agüentando tanta pressão, resolveu sair do país por uns tempos. Escolheu a Suíça. Tratou do passaporte, passagem, as autoridades não se opuseram. Ninguém disse nada. A família acompanhou-o até o aeroporto, tudo certo, voltamos pra casa, aliviados. Tempos depois, soubemos que os agentes do Governo tiraram ele de dentro do avião com uma desculpa qualquer, levaram-no para uma prisão longe da cidade e, até hoje, ele continua lá, sendo torturado barbaramente. Entretanto, oficialmente, consta que ele viajou e desapareceu na Suíça. (...) (idem, 2008, p.17)

Como vemos, Samir foi castigado por ter sido considerado um conspirador pelo governo. O governo foi cruel com essas pessoas, não deixando direito nenhum de se defenderem, abusando totalmente de sua autoridade, observa Magalhães (...) *o poder público também faz uso de mentiras e enganações para subjugar os trabalhadores*, (...) (Magalhães, 2005 p. 213), desta forma, a classe dominada não tem como se defender das crueldades exercidas por algumas entidades, como bem coloca Albues em suas narrativas e especificamente nas obras aqui estudadas.

A protagonista do romance *O berro* também foi massacrada, hostilizada e humilhada na maior parte de sua vida, da mesma forma que seu pai Venâncio. Neste romance a protagonista vêm trilhando o caminho de sua existência, talvez uma reflexão/reconstrução do seu passado, apoiada na memória coletiva construída no

decorrer de sua vida. E isso se dá através da memória, é pelo fluxo de consciência que a protagonista presentifica seu passado, uma forma de se expurgar, se libertar de tudo que lhe causa dor e sofrimento e, desta forma, se libertando do seu passado. Na sua narrativa como já foi dito há uma divisão em nove capítulos, que nos dá uma idéia de gestação, justamente, para nos mostrar que é o que realmente a protagonista quer, nascer de novo, renascer para a vida, no sentido de se libertar deste passado de dor:

**MINHA MÃE ME PARIU DE PÉ**, tanta pressa tinha eu de vir ao mundo que não lhe dei tempo de voltar à rede de onde se levantara minutos antes para ir ao banheiro. Não fosse a parteira entrar correndo e me aparar com mãos experientes a minha cabeça teria se estatelado no chão de tijolos vermelhos. Não sei se este é o ponto certo para começar minha história, mas como tudo principia com o nascimento, não vejo por que não registrá-lo especialmente pela maneira extravagante como sucedeu. (Albues, 1995, p.11)

No primeiro capítulo de *O berro*, o narrador relata o seu nascimento, da placenta de sua mãe. É o momento que ele vem ao mundo enquanto bebê, e que tem as suas primeiras aventuras no mundo. Outro momento da narrativa semelhante ao que vemos é quando no nono capítulo o narrador relata o seu segundo nascimento, o seu renascimento, completando assim o ciclo gestacional no qual ele rompe todas as barreiras e se liberta, superando as dores e os sofrimentos.

**MINHA MÃE ME PARIU DE PÉ**, tanta pressa tinha eu de ver o mundo que rompi antes da hora as paredes ainda molhadas e quentes do meu casulo e saí borboleteando pelas encostas do Morro Santo Antônio, paredões da Chapada dos Guimarães, Pão de Açúcar, Corcovado, Cordilheira dos Andes, Pirineus, Agulhas Negras, deslumbrada com o ouro do sol varando o melado sedoso que me alimentara por nove meses. (idem, 1995, p. 215)

Neste momento do romance a protagonista relata não o seu nascimento no mundo, mas o seu renascimento para o mundo. Quando ela rompe o casulo, lugar onde estão “arquivadas” as lembranças, as memórias de um passado que atormenta e a faz sofrer. O narrador reconstrói todo o seu passado através da memória coletiva e se liberta na imagem da borboleta para sair borboleteando, ou seja, “voando” se libertando deste passado, para metamorfosear, se livrar de tudo que faz mal, com isso enfrenta o seu problema e os dilui com as experiências do presente, ao fazer esta metamorfose, atinge sua liberdade.

Esta visão mítica de virar uma borboleta para voar e metamorfosear, é a forma que a protagonista encontrou para mostrar que depois de expor todos os sofrimentos vividos por ela, casando-os aos problemas do cotidiano, ela consegue se libertar, se livrar das dores do passado, dos espaços e das lembranças arquivadas e atingir o auge de sua plenitude. Pois, quando a protagonista relata suas experiências do passado e as encara, ela consegue cortar o cordão umbilical que a mantinha conectada ao passado e ao sofrimento na terra de origem.

Cai a primeira chuva que me lava e refresca, meu cordão umbilical ainda ligado à terra-mãe de certa forma cerceia meus avanços, há um limo na sua raiz provando antiguidade e solidez, meu ventre me segreda que, por esse tubo, eu recebia a seiva que me mantinha viva, mas e agora? Pergunto alarmada, devo continuar presa a este apêndice incômodo? Não! Me responde o arco-fris grávido de cores, aproximando-se com seus arcos sedutores, me atravessando. Na passagem sinto que ele suavemente corta com suas lâminas multicores o cordão. Ao me ver desconectada de qualquer controle, vôo mas alto, quero experimentar a plenitude da liberdade que acabo de conhecer, sugar de suas tetas volumosas o gozo da amplidão que pressinto existir. (ibidem, 1995, p.216)

Ao percorrer este caminho pelo viés da memória coletiva resgatando e reconstruindo todo o seu passado, concomitantemente a isso os encarando e enfrentando o narrador consegue se purificar. Há um receio do narrador-protagonista de se desligar do seu passado totalmente como vimos neste trecho, mas no decorrer da narrativa ele vê que é a solução para atingir o esperado e se desligar de seu passado. Ao fazer isso experimenta o vôo de liberdade, vive em sua plenitude a felicidade que buscava e a liberdade tão sonhada. Desta forma estes livros aqui analisados além de nos mostrar uma bela história de uma mato-grossense, representa também um desabafo, uma libertação, uma purificação de seu passado, além da fusão temporal/espacial do sertão mato-grossense e da babilônia americana através da memória.

O sol vermelho do Cordeiro vem despontando sobre as águas do rio Hudson, reavivando a tocha da Estátua da Liberdade e a chama da vida no meu coração. A vibração da última corda da harpa, até agora emudecida, sobrepõe-se aos ruídos da manhã nova-iorquina, enchendo o ar de melodias antanhas, algumas já esquecidas nos subterrâneos de mim, quase não as reconheço. A corda é tensa, dolorida, fere o dedo que a dedilha, fere a si mesma na aspereza de sua textura. Ainda assim o som irrompe, pujante, profundo, suavizando o agreste da alma que o compõe. Meu cântico de liberdade ainda não está completo mas a cerimônia da visitação do sol me confirma que neste instante meu destino entrou em comunhão com as energias da terra onde nasci. Ao solo norte se junta o solo do sul em louvores à mãe Terra, uníssonos. A nova música me cobre de glória íntima, solto-a no espaço, espalha-

se ruidosa no céu como bandos de aves do cerrado em migração. Que de repente surgem no horizonte, alvissareiras. Bato asas velozes, gorjeio, vôo ao encontro das antigas companheiras, palpitante. Nas águas espelhadas do rio Hudson, a imagem arisca. Da sabiá vermelha cruzando os céus de Manhattan, plena de graça e luz. (ibidem, 1995, p.244 e 245)

Como vimos os livros aqui analisados são cheios de magnitude e misticismo. Com histórias reluzentes que nos leva da linguagem clara aos argumentos contundentes. Magalhães (2001) ao tecer comentários sobre o romance *O berro* diz que;

(...) o livro é uma busca interior, imergir no tempo-espaço, enfrentá-lo, diluir as tensões culturais e psicológicas, compreender as estruturas da dominação, esse é o ritual a que a personagem se propõe, como pré-requisito para a liberdade. E é dessa forma que a obra de Tereza Albuês caracteriza-se pela especulação dos enigmas humanos e supra-humanos, operacionalizando a realidade social e os elementos culturais da região mato-grossense. (Magalhães, 2001, p.256)

Nas narrativas de Tereza Albuês, passado e presente se integram se misturam, se diluindo em um só, como vimos no trecho final da obra *O berro* que o 'solo norte' e o 'solo sul' são adaptados-ajeitados através e pela memória, assim Estados Unidos e Brasil estão em comunhão, enquanto que o narrador-protagonista está como imigrante em um país estrangeiro mas/e ao mesmo tempo em comunhão com a terra-mãe.

O conto *Buquê de Línguas* é um livro que vem mostrando as questões sociais dentre outras, assim como no romance *O berro do cordeiro em Nova York* ambos de Tereza Albuês, este vem retratando mais a questão de expurgação e libertação da protagonista, aquele vem mostrando várias questões sociais como o racismo, discriminação social, abuso de poder entre outros, é um conto que mostra a babilônia que é o mundo, a forma como convivemos com tantas pessoas de vários lugares e nacionalidades diferentes e ao mesmo tempo em que somos todos diferentes, nos vemos nivelados em determinados acontecimentos.

O livro *Buquê de Línguas* reúne 14 contos e vai desde amores ardentes a fúrias incontidas, sendo que o principal, que dá título à obra, foi premiado com Menção Honrosa no Concurso de Contos de Guimarães Rosa em Paris. Já o romance *O berro do Cordeiro em Nova York* tem uma escrita clara e objetiva, casando as suas histórias com o fantástico, cheias de fantasias e misticismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto em *O berro do Cordeiro em Nova York* (1995) quanto em *Buquê de Línguas* (2008), há indícios de uma obra memorialística que traz a tona um passado remoto, através de reminiscências de seus narradores-personagens, que confrontam este passado com os acontecimentos da realidade, com isso as protagonistas conseguem avaliar essas lembranças e chegar ao ápice de suas narrativas, o tão almejado desejo de se libertar deste passado de sofrimento e dor.

Desde o início do romance *O berro*, a protagonista vem retratando os sofrimentos passados por ela em sua vida, desde o seu nascimento que por si só já foi um acontecimento traumático para a protagonista, pela forma como se deu “MINHA MÃE ME PARIU DE PÉ, tanta pressa tinha eu de vir ao mundo (...). Não fosse a parteira entrar correndo e me aparar com mãos experientes a minha cabeça teria se estatelado no chão de tijolos vermelhos.” (1995, p.11). Como vimos o seu nascimento já aconteceu de uma forma inusitada do que a normal, e em toda a sua infância nos confins de Mato Grosso não foi uma fase linda e cheia de boas lembranças como na vida da maioria das pessoas, a protagonista sofreu calúnias, humilhações, preconceitos de alguns familiares e também dos vizinhos, se viu longe da escola por seu pai ter ido trabalhar em uma fazenda no pantanal, local esse que aliás, é cheio de lembranças ruins, pois foi lá que seu pai viveu a escravidão branca com péssimas condições de vida para si e sua família.

Outra época que o narrador relata também foi a sua partida para o Rio de Janeiro, em que a protagonista passou por uma série de problemas, que vai de amores ardentes há chefes enfurecidos. Mas a estadia no Rio teve algumas surpresas também, conheceu várias pessoas que foram importantes para o seu crescimento, conseguiu empregos nos quais a ajudaram a se destacar profissionalmente, além de ter conhecido alguns de seus amores. Logo após vem a sua partida para os Estados Unidos, uma narrativa rica em detalhes, densa, dramática e triste, apesar das histórias que envolviam o sobrenatural, que davam um sabor a mais neste romance.

A protagonista de *O berro*, chorou, sofreu, perambulou pelo mundo atrás de entender e refletir sobre tudo o que havia acontecido em sua vida, mas em suas

andanças conheceu coisas, pessoas e culturas nas quais a fez reavaliar tudo o que já havia vivido, com isso a protagonista conseguiu passar por um estado de “purificação” desse passado que lhe trazia tanta dor e sofrimento. Ao rememorar este passado de dor ela o recriou, reinventou sempre a luz do ficcional, casando-os com as suas realidades do presente e assim atingiu a liberdade tão sonhada.

No conto *Buquê de Línguas*, já vemos uma história um pouco diferente da qual observamos em *O berro*, no conto o narrador trás uma história que se passa em Nova York mostrando as várias culturas, nações e dialetos existentes em uma cidade que é taxada como uma babilônia pela sua enorme mistura de povos. Uma explosão em uma linha de metrô é o palco onde se passa a história, e em determinado momento a protagonista precisa fazer alguma coisa para tirar as pessoas daquele silêncio mortal de medo no qual os aterrorizavam. E é neste momento que ela volta ao sertão mato-grossense relembrando de onde vinha e o que fazia, para encontrar uma solução para o problema no qual os encontravam, e é aí que percebemos a memória coletiva funcionando neste conto. Pois esta lembrança só foi possível porque a protagonista se apoiou na memória dos mais velhos nos quais contavam histórias para ela em sua infância, para poder rememorar, recriar uma condição para que pudessem se livrar daquela tensão que estavam vivendo.

Para que este estudo sobre a memória fosse possível nós utilizamos como suporte teórico a obra *A Memória Coletiva* de Maurice Halbwachs (1990) que diz que a memória coletiva só é possível porque nos apoiamos nas memórias dos grupos dos quais fizemos parte, seja ela familiar, religiosa, política ou profissional. Ou na memória de pessoas que convivem com a gente, pois ao rememorar essas lembranças do passado, não a fazemos como um passado ileso que nunca foi mexido, mas recriamos um passado, reconstruímos, reinventamos a partir da nossa ótica do presente que já não é mais o mesmo e que já sofreu alterações, pois ao longo de toda a vida recebemos depósito de símbolos de convivências com outras pessoas, pelo simples fato de estarmos vivendo e convivendo com pessoas.

Utilizamos também como suporte teórico Benedito Nunes (1995) e Antonio Dimas (1985) nas teorias sobre Tempo e Espaço. Nos quais foram fundamentais para nos nortear na questão de como o tempo e o espaço se fundiram através da memória. Isso só foi possível, porque o tempo passado/presente e os espaços Mato grosso e

Estado Unidos nas narrativas se fundiram através das rememorações das protagonistas, que ao fazer esta fusão conseguiram se libertarem deste passado que trazia mágoas e sofrimentos, neste momento observamos que não havia distinção entre os espaços mencionados, pois o passado do narrador ainda estava muito vivo em sua memória e o presente já era o seu cotidiano e era tão importante quanto.

As obras aqui estudadas são fundamentais para o estudo de literatura mato-grossense, e também um pouco sobre a cultura americana, conhecemos um pouco sobre a cultura de Mato Grosso a sua fauna e flora e também para os pesquisadores universitários e em geral ter um apoio, dados nos quais basearem os seus trabalhos.

O que concluímos com esta análise é que tudo o que as protagonistas passaram fizeram com que elas refletissem e se questionassem a forma linear como as coisas aconteciam, as protagonistas se misturaram, caminharam juntas em busca de um único objetivo a sua libertação, um vôo no qual somente elas mesmas poderiam se proporcionar, e foi isso que fizeram, questionaram, olharam para o passado e o confrontaram com o presente e a partir daí conseguiram reconstruir este passado de dor, mas agora com um olhar de mulheres adultas e maduras autoras da própria história e de sua liberdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALBUES, Tereza. **O berro do cordeiro em Nova York**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

\_\_\_\_\_. **Buquê de Línguas**. Cuiabá MT: Carlini Caniato, 2008.

**A Escritora, Seus Livros e Suas Andanças**. Folha do Estado, Cuiabá, Quinta-feira 24 de Agosto de 1995, coluna.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

COCCO, Marta Helena. **Poética, Pelas Linhas e Entrelinhas de Tereza**. Folha do Estado, Cuiabá, Sexta-feira, 14 de Outubro de 2005, folha 03.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática: 1985.

FERREIRA, Eduardo. **A Nova Literatura Produzida em Mato Grosso**.

<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-nova-literatura-produzida-em-mato-grosso-i>

Acesso em 15 de março de 2011.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Ática: 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

MAGALHÃES, E. M. **Poéticas do regionalismo na prosa de Silva Freire**. 2010, 161 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Instituto de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2010.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Regionalismo e misticismo: Tereza Albues. In: **História da literatura de Mato Grosso século XX**. Cuiabá: Unicen publicações, 2001.

LEITE, M. C. S. (org.). **Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

NUNES, Benedito. **O Tempo na Narrativa**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Ática: 1995.

PERSONA, Lucinda. **Poética**. Folha do Estado, Cuiabá, Terça-Feira, 11 de Outubro de 2005, folha 03.

PEREIRA, Leonice Rodrigues. 2010. **Entre Percursos e Berro: o eu entretecido por fios de memória em Wanda Ramos e em Tereza Albués**. Tese de Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo.

PINTO, Prof. MS. Luiz Renato de Souza – **Buquê de Couve Flor** - [www.ajes.edu.br](http://www.ajes.edu.br) – [ajes@ajes.edu.br](mailto:ajes@ajes.edu.br) . Acessado em 30/11/2010.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: **A personagem de ficção**. 10ª ed. São Paulo: 2002.

\_\_\_\_\_. **Texto e Contexto I**. 5 ed. Editora Perspectiva S.A. São Paulo. 1996.

SILVA, Antônio de Pádua. **O berro de Tereza Albués em Cuiabá**. Diário de Cuiabá, Cuiabá, Quinta-feira, 24 de Agosto de 1995.

SILVA, José Alexandre Vieira. **Misticismo e Regionalismo em Tereza Albués**. Folha do Estado, Cuiabá, Segunda-feira, 10 de Outubro de 2005, folha 03.

THOMAS, Gerald. **Tereza Albués era dona de uma verdade assustadora**. Folha de São Paulo, 08 de Outubro de 2005, p.07.

VIEIRA, Ana Cristina. **Morre Tereza Albués**. Folha do Estado, Cuiabá, Quinta-feira, 06 de Outubro de 2005, folha 03.

### **Apoios Bibliográficos:**

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética a teoria do romance In **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In **Vários Escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

\_\_\_\_\_. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. 10ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

COCCO, Marta Helena. **O Ensino de Literatura Produzida em Mato Grosso – regionalismo e identidade**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico; de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG: 2008.

LIMA, Elza. **A Travessia dos Sempre Vivos**. A Gazeta, Cuiabá, Quinta-feira, 30 de setembro de 1993.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. **Memórias e testemunho, pacto referencial e pacto Autobiográfico: As muralhas de Jericó**, de Josué Guimarães. Nonada Letras em Revista. Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 159-172, 2010.